

**Tradução de *Sobre a eloquência, Pronúncia, Comentários lexicais, Sobre as mulheres, Uma casa na rua Saint-Denis, Ensaio sobre os acontecimentos importantes cuja causa secreta foram as mulheres, Conselhos a um cura e Cartas para Sara*, de Jean-Jacques Rousseau**

Rafael de Araújo e Viana Leite<sup>1</sup>

**APRESENTAÇÃO**

Um filósofo alcança reconhecimento por causa do que produziu e não exatamente pelos empreendimentos nunca concluídos. Poderíamos ir além: é com a ajuda de livros terminados que se mensura a grandiosidade de um percurso intelectual, e não tateando fragmentos. Dessa maneira, o resultado de um trabalho reflexivo ou literário só pode ser a tão desejada obra final, aspirante a obra-prima, pois é ela que manifesta um pensamento, que deve ser utilizada para corroborar sua relevância enquanto ou, inversamente, para servir como prova de acusação. Mais do que isso, qualquer outro aparato documental, caso não tenha sido formalmente publicado, pode muito bem ser considerado oficialmente inválido para fins de crítica, elogio ou apreciação. Quando muito, tem-se um material curioso com o qual tenta-se apreender, muito equivocadamente, algum tipo de gênese criativa ou reflexiva.

Nas obras completas de Jean-Jacques Rousseau (*Pléiade*, Tomo II, 1964, org. Bernard Gagnebin e Marcel Raymond), há uma seleção de textos, desses quase apócrifos, representantes de um esforço nunca concluído, excertos sem um ponto final que nos permita medi-los com precisão e propriedade. Todavia, isso não impede que nós, leitores de Rousseau, encontremos um material interessante, capaz de complementar pesquisas sobre a reflexão, interesses ou mesmo sobre o estilo literário do filósofo genebrino. Esses fragmentos, em sua maioria manuscritos conservados em Neuchâtel ou Genebra, alguns publicados no final do século XVIII ou nos idos do século XIX, foram reunidos sob o título de *Miscelâneas de literatura e de moral*. São excertos, notas de trabalhos e empreendimentos apenas iniciados de tamanho e valor desiguais, como diz Charles Guyot (1964, t. II, p. CI). Para o comentador, manifestam

374

---

<sup>1</sup> Fez graduação, mestrado e doutorado em Filosofia pela UFPR. É membro da ABES XVIII (Associação brasileira de estudos sobre o século XVIII), do GIP Rousseau (Grupo interdisciplinar de pesquisa Jean-Jacques Rousseau) e participa, desde 2009, do Grupo das Luzes – UFPR. Publicou artigos, traduções e resenha em revistas de Filosofia. Atualmente, realiza estágio de pós-doutorado na UFPA (CAPES-PNPD). E-mail: rafael\_vianaleite@hotmail.com.

os exercícios literários de um grande escritor. Esta apresentação introduz a tradução inédita em português de oito desses textos, a saber, *Sobre a eloquência, Pronúncia, Comentários lexicais, Sobre as mulheres, Uma casa na rua Saint-Denis, Ensaio sobre os acontecimentos importantes cuja causa secreta foram as mulheres, Conselho a um cura* e, por fim, as *Cartas para Sara*<sup>2</sup>.

*Sobre a eloquência, Sobre as mulheres* e *Uma casa na rua Saint-Denis* são datados aproximadamente de 1735, época em que Rousseau vivia em *Chambéry*. Eles foram publicados pela primeira vez no tomo I dos *Annales de la Société Jean-Jacques Rousseau*, em 1905, por Théophile Dufour que os considera, do ponto de vista literário, como ensaios informes de um escritor que, pouco a pouco, engrandecia seus conhecimentos (1905, p. 200). Esses textos, se a cronologia estiver correta, de fato, foram compostos cerca de quatorze anos antes do *Discurso sobre as ciências e as artes*, ganhador de um concurso de moral proposto pela Academia de Dijon, texto com o qual Rousseau ingressa na República das letras. No caso do *Ensaio sobre os acontecimentos importantes cuja causa secreta foram as mulheres*, a edição da *Pléiade* apresenta a hipótese de que tenha sido redigido em torno de 1745, quando Rousseau era secretário junto à madame Dupin e estava, efetivamente, ajudando com uma obra sobre as mulheres. A mesma opinião é manifestada por Jean-Louis Lecercle, no livro *Rousseau et l'art du roman* (1969, p. 40, Nota).

*Pronúncia* é datado com alguma probabilidade do ano de 1761, e Streicksein-Moulto foi seu primeiro editor. *Conselhos a um cura* veio a lume pela primeira vez sob os cuidados de Albert Jansen (*J.-J. Rousseau – fragments inédits. – Recherches biographiques et littéraires*, 1882). Sobre a sua composição, especula-se que remonte a 1752. Vale dizer que esse texto, muito provavelmente, não era uma correspondência verídica, mas antes um texto ficcional para um correspondente abstrato. Já a redação das *Cartas para Sara* talvez tenha sido realizada em 1762. O texto das quatro primeiras cartas foi estabelecido pela *Pléiade* a partir da edição original (*Oeuvres posthumes, Supplément*, Tomo I, Genebra, 1781) enquanto a última, apenas esboçada, foi apresentada a partir da edição de H. Guillemin (*Sur quelques inédits de J.-J. Rousseau*

<sup>2</sup>*Sur l'éloquence* (1964, t. II, pp. 1241), *Prononciation* (1964, t. II, pp. 1248-1252), *Remarques lexicologiques* (1964, t. II, p. 1253), *Sur les femmes* (pp. 1254-1255), *Un ménage à la rue Saint-Denis* (1964, t. II, pp. 1256), *Essai sur les événements importants dont les femmes ont été la cause secrète* (1964, t. II, pp. 1257-1259), *Conseils a un curé* (1964, t. II, pp. 1260-1261) e *Lettres à Sara* (1964, t. II, pp. 1290-1298).

na *Revue de Paris*, no ano de 1946). Essa correspondência, do mesmo modo, pode ser considerada com muita probabilidade como fictícia.

O fragmento *Sobre a eloquência* apresenta uma abordagem reativa, na medida em que busca responder a uma aparente pergunta a respeito da relação entre a perda da eloquência e o início da corrupção moral. Essa perspectiva é importante e interessa Rousseau em seus dois discursos, a saber, o *Discurso sobre as ciências e as artes*, de 1750, e o *Discurso sobre a desigualdade*, de 1755. Afinal de contas, esses textos gravitam, de modo geral, em torno do tema da oscilação pela qual costumes, relações sociais, aí entendido também artes e linguagem, sofrem de modo a se corromperem. A questão do fragmento intitulado *Sobre a eloquência* é desvelar o motivo pelo qual a virtude se define dando lugar ao vício.

Com o título de *Pronúncia*, por sua vez, temos o que parecem anotações e um inventário de exemplos que pudessem ser eventualmente usados em um estudo sobre a linguagem. A ideia de que a pronúncia deveria ser mais valorizada do que acontecia no tempo de Rousseau é defendida de modo enfático: “O maior uso de uma língua estando, portanto, na fala, o maior cuidado dos gramáticos deveria ser o de bem determinar as suas modificações, porém, ao contrário, eles se ocupam quase unicamente com a escrita”. Conforme o filósofo genebrino, se a fala é a representação do pensamento e a escrita, por seu turno, é a representação da fala, seria o caso de dar mais atenção à pronúncia do que é feito pelos estudiosos da língua. Os *Comentários lexicais* participam de uma mesma atmosfera: apresentam alguns parágrafos redigidos de modo coerente, mas também muitas notas, frases e esboços de tratamentos possíveis ao tema.

O fragmento identificado como *Sobre as mulheres* apresenta uma reflexão concernente ao exercício de citação em busca por exemplos que corroborem certa tese. Mais especificamente, um autor deveria calcular os casos fornecidos por ele para não cair em erudição perdida quando se procura estabelecer um quadro de valor para certa questão. Em outro texto de Rousseau, já traduzido em português<sup>3</sup>, chamado *Ideia do método na composição de um livro*, escrito por volta de 1745, Rousseau fala precisamente sobre isso. Nesse texto, o caso apresentado é praticamente o mesmo que é desenvolvido em *Sobre as mulheres*. O que está em jogo em *Ideia do método na composição de um livro* é saber se as mulheres possuem mais mérito do que os homens.

<sup>3</sup> Há uma tradução desse texto publicada na Revista Ipseitas – UFSCAR (vol. 2, nº 2, p. 317-324, 2016).

Ora, se formos buscar indivíduos de ambos os sexos e confrontá-los em busca de qual gênero seria mais valioso é de se esperar que os homens ganhariam:

Se eu cito Semíramis, me citarão Alexandre, se Judith, me oporão Cévola, citando Lucrecia rebatem com Catão, a Anacreonte opõe-se Safo e, assim, de exemplo em exemplo a lista dos grandes homens deve em breve suplantar a das mulheres. Porém, se foi estabelecido uma proporção entre o número de pessoas de ambos os lados que governaram Estados, comandaram exércitos, cultivaram as letras e o número daqueles que brilharam nesses diferentes gêneros, então é evidente qual lado arrebatou merecidamente a superioridade. (ROUSSEAU, 1964, t. II, p. 1246).

O fragmento intitulado *Sobre as mulheres* desenvolve o modo de encontrar uma comparação mais eficaz nessa comparação. O esforço de Rousseau passa por esclarecer o modo como comparar por via numérica é um procedimento essencialmente fraco. Isso porque houve muito mais oportunidade entre um dos lados no que diz respeito à liderança militar, social ou política. Se em uma comparação individual as mulheres perderiam quanto ao número de exemplos proeminentes e respeitados por todos os tempos, isso não se deve ao mérito tomado em si, mas antes a uma conjuntura social e política. Ao pesquisador que se desbravar por esse horizonte temático é preciso ficar advertido em relação a isso:

guardadas as proporções, as mulheres teriam podido oferecer os maiores exemplos de grandeza de alma, de amor pela virtude e em maior número do que os homens fizeram se nossa injustiça não tivesse tolhido, junto com sua liberdade, todas as ocasiões de manifestá-los diante do olhar do mundo. (ROUSSEAU, 1964, t. II, p. 1255).

O *Ensaio sobre os acontecimentos importantes cuja causa secreta foram as mulheres* deve remontar a um projeto em conjunto de Rousseau e Madame Dupin. Nesse texto, temos uma espécie de Prefácio e um plano de obra que lança luzes no método de trabalho de Jean-Jacques Rousseau. Busca-se, nesse fragmento, pelo que ficou perdido na história, pelos bastidores fora do alcance dos holofotes dos grandes acontecimentos, isto é, os grandes feitos que tiveram como causa ignorada as mulheres.

*Uma casa na Rua Saint-Denis* é um quadro moral em que se pintam os costumes vulgares de um casal pobre, a “escória do povo”, como afirma o encerramento do texto. Interessa notar o estilo cômico-trágico desse pequeno conto e, ainda, o uso da antítese, algo mais frequentemente encontrado na letra do filósofo genebrino. A antítese começa expressa na primeira frase: “A mulher faz mais barulho, o homem faz mais coisas ruins”. Já não teríamos aqui uma versão da famosa oposição entre bem dizer e bem

fazer, no interior de uma outra oposição, dessa vez entre homem e mulher? A diferença é que aqui tanto o discurso quanto a ação, apesar de se oporem, dizem respeito a uma fala negativa, injuriosa, e uma ação igualmente negativa, agressiva. A outra manifestação de antítese fica por conta da cisão entre ser e parecer. O personagem masculino, apesar de beber excessivamente e agredir a esposa, é identificado como o santo do bairro.

*Conselhos a um cura* é uma carta, provavelmente ficcional, para um correspondente abstrato. Nela, Rousseau mostra desconfiança com as posições de destaque em sociedade, opõe a cidade pequena à cidade grande e separa a conexão tida por necessária entre catolicismo e honestidade ou, se quisermos, entre moralidade e religião. O texto intitulado *Cartas a Sara*, por sua vez, diz respeito a cinco cartas ficcionais que foram escritas durante um período de seis meses por um homem quinquagenário a uma mulher de vinte anos por quem ele se apaixona. O título era *O grisalho apaixonado*, mas ele aparece riscado no manuscrito. Apesar desse texto fazer com que pensemos no romance do próprio Rousseau com Sophie d'Houdetot ou mesmo no personagem senhor de Wolmar, da *Nova Heloísa*, pois ambos ocupam uma posição mais ou menos próxima a essa, o provável é que se trate de uma demonstração ficcional. Ao menos, o texto indica explicitamente isso: “Compreender-se-á sem dificuldade como uma espécie de desafio pôde fazer com que essas quatro cartas fossem escritas. Perguntava-se caso um amante, com meio século de idade, poderia não ser alvo de riso”. Interessa notar que um personagem nesses moldes foi discutido em um longo parágrafo da *Carta a d'Alembert*, em um contexto no qual afirma-se que normalmente ele é mal retratado no teatro. De tal modo, suas atitudes se ligariam quase sempre ao ridículo ou em ações questionáveis

A causa dessa forma equívoca de se retratar os idosos foi encontrada por Rousseau na ascendência dos jovens sobre os mais velhos, além da proeminência dada ao tema do amor nas peças teatrais. Desse modo, os idosos, mesmo sendo os mais sábios, foram relegados a papéis secundários. Quando muito, serviam nas comédias como obstáculo para o amor dos jovens, tornando-se desse modo odiosos aos olhos do público. Nas tragédias, eram representados como usurários, tiranos ou pedantes (2003, p. 101). O esforço dessa correspondência endereçada a Sara é justamente o de colocar o personagem masculino, apesar de sua situação considerada aviltante, em uma atitude virtuosa. A primeira condição é a de não insuflar de vida esse sentimento por mais

tempo do que seria conveniente. Para interessar pessoas honestas seria preciso, portanto, não ultrapassar cinco cartas sob o preço da desonra.

O amor retratado nessa correspondência pode ser considerado como uma espécie de sentimento natimorto, isto é, uma vez nascido não poderá nunca se desabrochar. Essa impossibilidade é taxativamente afirmada na correspondência de abertura: “amo com a terrível certeza de não poder ser amado”. A descrição é a de uma paixão que é ciumenta, mas repleta por um ciúme que poderíamos chamar de generoso, disposto a ceder o objeto amado a outra pessoa que seja mais adequada, desde que, é verdade, o concorrente estivesse à altura e que amasse como o nosso próprio protagonista o faria: “Amaria até meu rival se você o amasse” (primeira Carta) ou ainda “gostaria que ele tivesse meu coração para te amar mais dignamente (...)” (primeira Carta). Eis um amor sob procuração, como diz Eigeldinger (2001, p. 324). Em mais de um momento, com efeito, o redator como que se transfere para outra vida, ainda jovem, ainda capaz de amar: “vivo somente pela tua vida” (primeira Carta), “Ame e seja amada, oh, Sara, viva contente e eu morrerei contente”. (primeira Carta).

Estamos lidando com um desejo, uma paixão, que é proibida pela decência e impossibilitado, em parte, pela idade. Contudo, mesmo fadado ao fracasso, esse sentimento não deixa de clamar para que atinja a superfície, para que ao menos se manifeste, mesmo se não exigir a completa satisfação dos seus ardores. É um amor que não precisa exatamente alcançar concretamente o objeto pelo qual tem afeto, tudo se passa como se ele nutrisse a si mesmo: “Porque vos escrevi, desejo vos escrever ainda” (segunda Carta). É uma espécie de autossuficiência de uma paixão que prescindiu do objeto amado que parece ecoar as *Cartas de amor*, atribuídas a Mariana Alcoforado. Para o que mais nos importa, o protagonista se desloca do seu ponto gravitacional quase como se deixasse de ser quem ele é para, assim, se render à paixão: “seus charmes, seus sentimentos, seus discursos preenchiam, formavam todo meu ser” (segunda Carta). Na terceira Carta, momento de fraqueza, o autor nunca nomeado parece ter se entregado ao furor da paixão. Na quarta carta, reergue-se das cinzas um tom mais elevado e menos carnal de um sentimento que agora é tão somente abstrato: “foi apenas ontem que aprendi a te amar”, “Não permita mais que a sua imagem seja profanada por desejos formados a despeito de mim (quarta Carta).

Na quinta Carta, a última antes que a desonra caísse sobre o grisalho apaixonado, ele se dá conta de que o seu sentimento, ao menos um que lhe fosse digno

deve ser, sim, abstrato. O bem que o protagonista buscava, ele percebe agora, “não era a posse nem de [seu] coração nem de [sua] pessoa”. O que se desejava era que a insensatez de amar alguém trinta anos mais jovem fosse motivo de compadecimento, não exatamente de reciprocidade. Solicita-se um sentimento que os conectasse, mas não como amantes, a conexão se daria mais apropriadamente nos termos de um amante equivocado e uma consoladora e virtuosa, alguém que se compadecesse diante do homem desregrado. Solicita-se, portanto, a mera existência do objeto amado, sem que ele se esforce em concretizar os fogos de uma paixão perniciosa: “Se você pudesse não amar nada e se deixar amar em silêncio, eu passaria meus dias nessa ocupação deliciosa, sem nada desejar, sem nada perceber além disso”. Novamente, é quase como se o amor do protagonista prescindisse do objeto amado, ou melhor, precisa do mínimo para que possa existir: bastaria que o objeto se colocasse no que podemos chamar de janela admirativa, sumamente alta e distante, ou seja, que a musa se oferecesse para ser amada, mas à distância, alvo intocável e sempre passível de admiração, quase como lemos em alguns poemas de Alvares de Azevedo.

Para a presente tradução utilizei como base a edição da *Pléiade* (1964, Tomo II, Org. Bernard Gagnebin, Marcel Raymond). Reproduzi as notas presentes nessa edição que apresentam variantes, palavras e frases corrigidas ou anuladas por Rousseau. Esse esforço tem como objetivo ajudar a ter uma ideia da gama de opções consideradas pelo filósofo enquanto escrevia, além de lançarem luz sobre questões estilísticas. Preservei as reticências e as frases iniciadas com palavras minúsculas para explicitar o caráter esboçado de algumas passagens.

Leiamos, então, parte do material que foi chamado por Sainte-Beuve de “tesouro de Neuchatel”, conforme relata Théophile Dufour (1905, p. 179). Abram os com respeito e curiosidade o gabinete de trabalho de Jean-Jacques Rousseau, sem muita expectativa ou menosprezo, não exatamente em busca de um segredo capaz de desvelar alguma premissa desconhecida ou, talvez, uma implicação até então despercebida: tentemos antes compreender melhor seus interesses, preocupações, construção de estilo e processo reflexivo.

\*\*\*

## SOBRE A ELOQUÊNCIA

Perguntais por qual motivo, em certos tempos, a eloquência cai em corrupção, e o que acontece para os espíritos se lançarem no mal gosto... por qual motivo, por exemplo, as figuras ousadas e exageradas por vezes agradam e, em outros tempos, gosta-se dos discursos bruscos e equívocos que deixam mais a entender do que dizem... por qual motivo houve tempos em que não se tinha nenhuma vergonha de cometer injustiças.

Como foi a vida de um homem, assim foram os seus discursos.

Assim como as ações de cada um são pintadas em seus discursos, do mesmo modo acontece, algumas vezes, que o gosto oratório se ligue aos costumes presentes.

Se a disciplina de um Estado se enerva e degenera em delícias, esse é um argumento para acreditar que logo a eloquência vai contrair um gosto mole e efeminado, ... O espírito não pode ser colorido de modo diferente do coração.

Quando o espírito se acostuma a desprezar as coisas que estão em uso e a enxergá-las como baixas e vis também adquire o gosto pelo novo quanto aos discursos.

E não é um defeito tão grave nos discursos empregar palavras pueris ou de baixo calão<sup>4</sup>, mais livres do que permite a modéstia, do que se servir de um estilo muito florido e muito doce que, ademais, não significa nada e não pode produzir nenhum efeito além do som das palavras.

381

## PRONÚNCIA

Que alguém<sup>5</sup> possa se fazer ouvir distintamente usando<sup>6</sup> menos voz e fazendo menos inflexão tanto quanto lhe for possível<sup>7</sup>. Ora, para se fazer ouvir distintamente desta maneira basta que a prosódia e o acento possam suprir<sup>8</sup> a força da voz e a variedade das inflexões.

Assim, aquele que se fizer ouvir mais distintamente e de mais longe com o mesmo som e o mesmo tom de voz, sem inflexão e sem declamação será, certamente, aquele que pronuncia melhor.

<sup>4</sup> No manuscrito pode-se ler: “*pueris e triviais* [riscado] ou *mal adaptadas* [riscado]”.

<sup>5</sup> “que o discurso”.

<sup>6</sup> “falando o mais baixo, inflexionando a voz (seus tons) o menos possível”.

<sup>7</sup> “de onde se segue que o discurso se distinguirá menos”.

<sup>8</sup> “falando”.

A língua francesa sente as inclinações daqueles que a falam, tudo é moda<sup>9</sup> e semblante até na pronúncia.

Dê-me o.

Acento. Erro em sua definição.

É verdade que a voz é diferente, mas o tom é absolutamente o mesmo.

Vi os jovens da moda não fazerem mais do que resmungar no lugar de falar, eles supunham que a atenção<sup>10</sup> que devemos colocar<sup>11</sup> em escutá-los dispensava-os de qualquer zelo para se fazer ouvir.

Desagradavel e desagradável. Anedota do Senhor de Crébillon.

Palavras cuja pronúncia vi alterar:

*Charolois – Charolès*<sup>12</sup>

*Secret – Segret*<sup>13</sup>

*Persecuter – Perzecuter*<sup>14</sup>

*Registre – Regître*<sup>15</sup>

*Les hommes – Le shomes*

*Cervus – Servus.*

Vício de pronúncia no órgão, no acento ou no hábito. Falar de modo gutural etc.

<sup>9</sup> “maneirismo”.

<sup>10</sup> “o zelo”.

<sup>11</sup> “ter”.

<sup>12</sup> Em acordo com o *Centre Nationale de Ressources Textuelles e Lexicales*, diz-se ‘charollais’ para se referir a alguém que habita ou vem de *Charolles*. Diz respeito, igualmente, a bovinos dessa região. Sobre as outras palavras, a tradução é, respectivamente, ‘segredo’, ‘perseguir’, ‘registro’, ‘os homens’ e ‘servo’. (Nota do tradutor). Vale a pena mencionar que, em nota, lê-se na edição da *Pléiade* sobre ‘charolois – charolès que “a pronúncia moderna, atestada já antes do século XVIII, era considerada então como vulgar. É Voltaire, com Zaïre, em 1732, quem obtém sucesso em impor a substituição de ‘donnois’ por ‘donnais’. A oposição foi grande. A nova pronúncia só foi aceita pela Academia na sua sexta edição (1835)” (1964, t. II, p. 1934).

<sup>13</sup> Em nota, lê-se na edição da *Pléiade*: “O Littré afirma que ‘a pronúncia antiga era *segret* e muitos, sobretudo os mais velhos, ainda a conservam” (1964, t. II, p. 1934).

<sup>14</sup> Em nota, lê-se na edição da *Pléiade*: “O Littré afirma que ‘havia, no século XVIII, uma pronúncia viciada: *perzécuter*, contra a qual Vaugelas adverte” (1964, t. II, p. 1934).

<sup>15</sup> Em nota, lê-se na edição da *Pléiade*: “O Littré afirma ‘muitos dizem *regître*” (1964, t. II, p. 1934).

A análise do pensamento se faz pela fala, e a análise da fala pela escrita<sup>16</sup>. A fala representa o pensamento por signos convencionais e a escrita, do mesmo modo, representa a fala. Assim, a arte de escrever não passa de uma representação mediata do pensamento, ao menos no que concerne as línguas<sup>17</sup> vocais, as únicas que estão em uso entre nós.

Não é bem ridículo que sejamos obrigados a dizer a um homem: escrevei o que dizeis para que eu o compreenda?

Duvido que o mesmo equívoco se encontrasse originalmente na pronúncia latina, pois a língua latina sendo, sobretudo em seu início, muito mais falada do que escrita<sup>18</sup>, não era natural que se deixasse no discurso equívocos que apareceriam apenas pela ortografia.

As línguas são feitas para serem faladas, a escrita serve somente como suplemento da fala. Se existem algumas línguas que são unicamente escritas e que não se possam falar<sup>19</sup>, próprias somente às<sup>20</sup> ciências, não possuem nenhum uso na vida civil. Assim é a álgebra, assim devia ser, sem dúvida, a língua universal pela qual Leibniz procurava. Ela teria sido provavelmente mais cômoda<sup>21</sup> a um metafísico do que a um artesão. O maior uso de uma língua estando, portanto, na fala, o maior cuidado dos gramáticos deveria ser o de bem determinar as suas modificações, porém, ao contrário, eles se ocupam quase unicamente com a escrita. Quanto mais a arte de escrever se aperfeiçoa, mais a de falar é negligenciada. Disserta-se sem cessar<sup>22</sup> sobre a ortografia, e com dificuldade temos algumas regras de pronúncia, isso faz com que a língua, aperfeiçoando-se nos livros, se altere nos discursos<sup>23</sup>. Ela é mais clara quando se escreve<sup>24</sup>, mais surda quando se fala, a sintaxe se depura e a harmonia se perde<sup>25</sup>. A

<sup>16</sup> "A escrita pinta a fala".

<sup>17</sup> "que se falam".

<sup>18</sup> "Escritura".

<sup>19</sup> "elas não podem se empregar senão".

<sup>20</sup> "a algumas".

<sup>21</sup> "útil".

<sup>22</sup> "Tudo é dissertação sobre", "Quantas dissertações sobre a 'orto'".

<sup>23</sup> Na margem, pode-se ler: "é preciso excetuar talvez a língua hieroglífica dos antigos egípcios e aquela dos mexicanos".

<sup>24</sup> "ela é".

<sup>25</sup> "logo o francês será bom somente para se ler e será preciso relegá-lo às bibliotecas".

língua francesa torna-se, a cada dia, mais filosófica e menos eloquente: em breve ela será boa somente para ser lida<sup>26</sup> e<sup>27</sup> todo o seu valor estará nas bibliotecas.

A razão desse abuso está, como já disse alhures<sup>28</sup>, na forma que foi dada aos governos, e que faz com que não se tenha nada a dizer ao povo<sup>29</sup> a não ser as coisas no mundo que menos lhe toca<sup>30</sup> e em relação às quais menos se preocupa em escutar<sup>31</sup>: sermões e discursos acadêmicos<sup>32</sup>. Quando não se escuta nada de tudo isso, o público não perdeu muita coisa e frequentemente o orador<sup>33</sup> ganhou muito. Desde muito tempo não se fala mais ao público a não ser por meio de livros e se lhe é dito ainda, em viva voz, alguma coisa que lhe interesse é no teatro. Por isso, os atores, não ousando alterar o uso recebido na pronúncia, são forçados a cantar para se fazerem ouvir, ainda que estejam em um lugar fechado. Se algum homem presente tomasse adequadamente, mesmo em uma ocasião importante, o tom de um ator no teatro, no lugar de persuadir<sup>34</sup> ele iria fazer rir. É um tom convencional que só é admitido sobre o palco<sup>35</sup>.

Os livros bem escritos vão em todo lugar: nas províncias, nas cidades e entre os estrangeiros. Não há lugar tão remoto onde não se possa estudar as regras da língua nas obras que tratam desse tema e ver a aplicação dessas regras nos escritos<sup>36</sup> dos bons autores. Não se passa a mesma coisa com as regras de pronúncia. Não são os livros que as levam, mas os homens. Ora, as pessoas que falam bem não são comuns em nenhum país do mundo e aqueles que pronunciam bem são ainda menos comuns. É impressionante o quanto a prosódia e o acento se perdem e se desfiguram na medida em

<sup>26</sup> “e será preciso disputar (defender) uma tese (?) no máximo para argumentar”.

<sup>27</sup> “e será preciso a relegar.”

<sup>28</sup> Parece ao tradutor clara a relação desse trecho com o final do *Ensaio sobre a origem das línguas*, especificamente o Capítulo XX, *Relação das línguas com os governos*: “Que discursos restam a fazer, portanto, ao povo reunido? Sermões. E que importa aos que os fazem se estão persuadindo o povo, visto que não é ele que distribui os benefícios? As línguas populares tornaram-se para nós tão perfeitamente inúteis quanto a eloquência. As sociedades adquiriram sua última forma: nela só se transforma algo com artilharia ou escudos; e como nada mais se tem a dizer ao povo, a não ser ‘dai dinheiro’, dizemo-lo com cartazes nas esquinas ou com soldados dentro das casas. Não se deve reunir ninguém para isso; pelo contrário, é preciso manter as pessoas separadas; é a primeira máxima da política moderna”. (ROUSSEAU, 2008, p. 175).

<sup>29</sup> “a não ser por escrito”.

<sup>30</sup> “Que menos tem necessidade”.

<sup>31</sup> “a saber, arengas”.

<sup>32</sup> Rousseau muito provavelmente se refere ao *Discurso sobre a origem das línguas*.

<sup>33</sup> “o autor”.

<sup>34</sup> “de afetar”.

<sup>35</sup> Na *Carta a d’Alembert*, Rousseau dirá que o teatro tem sua moral à parte da sociedade, assim como vestimentas e linguagem. Nada disso conviria às pessoas e seria igualmente ridículo querer empregar as virtudes representada pelo teatro como falar em versos. (2003, p. 74).

<sup>36</sup> “escritos dos melhores mestres”.

que nos afastamos da capital<sup>37</sup>. Não tendo nenhum modelo seguro<sup>38</sup> para reger sua voz, os seus tons e os seus acentos entregam-se unicamente ao acento corrompido<sup>39</sup> de sua província. Alguém que tenha chegado em Paris, ainda que saiba perfeitamente a sua língua, pode apenas com dificuldade ser compreendido ao falar, e faz rir assim que abre a boca. Mais do que isso: a lei do uso<sup>40</sup>, não tendo a mesma publicidade na pronúncia<sup>41</sup> do que na gramática<sup>42</sup>, torna-se arbitrária<sup>43</sup>. Cada um toma o seu uso particular como sendo o bom e, prevenido quanto ao seu acento<sup>44</sup> como sendo o único natural<sup>45</sup>, taxa<sup>46</sup> de tal modo como afetação todo acento que se afaste<sup>47</sup> do seu que falar bem se torna, então, um vício. É assim que cada província, cada cantão, tomando uma pronúncia<sup>48</sup> particular<sup>49</sup>, faz da língua escrita comum uma linguagem própria ao falar<sup>50</sup>. De sorte<sup>51</sup> que, em relação à fala, tomaríamos o francês gascão e o francês da Picardia por duas línguas particulares que longe de se entenderem<sup>52</sup> reciprocamente são compreendidas com dificuldade por aqueles que falam o verdadeiro<sup>53</sup> francês.

É peculiar que, à medida em que as letras são cultivadas<sup>54</sup>, que as artes se multiplicam, que as ligações da sociedade geral se estreitam<sup>55</sup>, a língua se aperfeiçoe tanto pela escrita e tão pouco pela fala<sup>56</sup>. Por qual motivo os homens, ao se aproximarem, são tão zelosos em bem dizer<sup>57</sup> na arte de falar à distância e tão pouco em

<sup>37</sup> “do lugar principal das capitais”.

<sup>38</sup> “não se sabe como pronunciar e o hábito, acostumando a orelha às pronúncias mais viciadas”.

<sup>39</sup> “a imitação do falar”.

<sup>40</sup> “do bom uso”.

<sup>41</sup> “não poderá se fazer entender tão longe”.

<sup>42</sup> “escrita”.

<sup>43</sup> “não se acreditaria que um gascão e um normando falem a mesma língua”.

<sup>44</sup> “sua maneira de falar”.

<sup>45</sup> “e bom”.

<sup>46</sup> “de vício”.

<sup>47</sup> De sorte que aquele que disse se garantisse a ponto”.

<sup>48</sup> “da qual ninguém se afaste”.

<sup>49</sup> “à qual a orelha se acostuma (se agrada) à qual todo mundo é obrigado a se conformar sob pena de ser ridículo”.

<sup>50</sup> “faz-se, falando, uma língua própria”.

<sup>51</sup> Que existem tantas maneiras de falar a mesma língua do que”.

<sup>52</sup> Se fazer entender”.

<sup>53</sup> “correto”.

<sup>54</sup> “quanto mais (quando) as artes se aperfeiçoam, mais os laços”.

<sup>55</sup> “mais também”.

<sup>56</sup> “como, então, é mais por aquilo que se escreve do que por aquilo que se diz que se chega (à) celebridade”.

<sup>57</sup> “falar bem, (se exprimir)”.

relação à arte de falar a viva voz? É que o discurso pronunciado se afunda em meio a tantos falantes e a celebridade é adquirida apenas pelos livros<sup>58</sup>.

Se houvesse uma ligação menos necessária entre a língua escrita e a língua falada, elas se afastariam insensivelmente e se separariam de tal modo uma da outra que elas formariam, no fim, duas línguas diferentes. Foi o que aconteceu com o latim e o italiano, pois a pronúncia mudando sempre, e a ortografia permanecendo<sup>59</sup> a mesma, escrever-se-ia de uma forma e falar-se-ia de outra até que, enfim, teríamos dois idiomas no lugar de um. O que impede que isso aconteça comumente dessa maneira são as alterações da fala que se transmitem, enfim,<sup>60</sup> na escrita. Como há mais pessoas que escrevem como falam do que as que escrevem segundo as regras, as mudanças trazidas no modo de pronunciar e mesmo nas locuções<sup>61</sup> da fala são adotadas<sup>62</sup> pela maior parte dos homens em sua escrita. Ganhando assim, pouco a pouco, a força do uso, fazem com que desapareça<sup>63</sup> enfim aquela que as precedeu. Eis como uma língua se altere por graus de espírito e de caráter. Não é surpreendente que essas mudanças sejam mais velozes e mais sensíveis na língua francesa do que em nenhuma outra, dado que a sua pronúncia é menos fixa, menos submetida pelas regras e altera-se mais facilmente. Se essa alteração, depois de uma centena de anos, parece<sup>64</sup> menos sensível, isso não acontece unicamente por causa dos excelentes livros do século de Luís XIV, os quais se tornaram de certo modo clássicos neste século, mas também por mudanças ocorridas no governo, pelas quais Paris, tendo uma ascendência mais marcante<sup>65</sup> em relação a todas as outras províncias lhes impõe, por assim dizer, tão prontamente a lei da linguagem do que aquela do príncipe. Tendo-as a todas mais dependentes em seu uso, as impede de comunicar<sup>66</sup> suficientemente as delas para que prevaleçam na totalidade.

Os franceses falando latim quase não são compreendidos por nenhum outro povo.

<sup>58</sup> “a celebridade é alcançada pelos livros e não por discursos pronunciados (o que se diz)”.

<sup>59</sup> “aproximadamente”.

<sup>60</sup> “pouco a pouco”.

<sup>61</sup> “que se emprega”.

<sup>62</sup> “adotados, mesmo empregados”.

<sup>63</sup> “calar”.

<sup>64</sup> “torna-se”.

<sup>65</sup> “uma ligação mais marcada com”.

<sup>66</sup> “de alterar mais depressa”.

A escrita é somente a representação da fala<sup>67</sup>. É bizarro que se dê mais atenção para determinar a imagem do que o objeto.

É preciso, em certos casos<sup>68</sup>, seguir a ordem inversa: a pronúncia, que deveria sempre reger<sup>69</sup> a ortografia, frequentemente é reduzida a consultá-la.

Para os gramáticos, a arte da fala não é quase senão a arte da escrita. Vemos isso ainda pelo uso que fazem dos acentos, muitos dos quais fazem alguma distinção<sup>70</sup> ou acabam com algum equívoco no que concerne aos olhos, mas não à orelha.

### COMENTÁRIOS LEXICAIS

“Perigo”, “risco” e “ameaça”: a primeira palavra é vaga e se aplica a quaisquer tipos de inconvenientes, a última, mais precisa, se diz quase unicamente quando a pessoa se encontra em perigo e a sua vida está em questão, ou pior, pois dir-se-á muito bem de um doente que a sua vida está em perigo e que a sua saúde se encontra ameaçada.

Pode-se dizer também que a ameaça é o mais alto grau de perigo. É perigoso entrar no mar, mas fica-se ameaçado sob uma tempestade.

Quanto ao risco, é um perigo ao qual expomo-nos voluntariamente e com alguma esperança de escapar, com o objetivo de obter alguma coisa que nos tenta mais do que o perigo nos atemoriza.

Diz-se também e bastante inapropriadamente: “conte com ameaças e riscos”<sup>71</sup>, mas a primeira palavra, nesse sentido, só é aprovada com o favor da última.

Uma frase na qual a palavra “ameaça” sirva somente para encarecer a outra, “risco”, e só é enfrentada em seu favor.

“Sob ameaça de vida”<sup>72</sup> é uma expressão imprópria, mas autorizada, em que a palavra “ameaça” é tomada por aquela outra, “risco”.

<sup>67</sup> “a imagem”.

<sup>68</sup> “Não retomamos frequentemente É-se reduzido (constrangido) a”.

<sup>69</sup> “que deveria sempre ser a lei de”.

<sup>70</sup> “de certas partes”.

<sup>71</sup> O equivalente em português seria, provavelmente, “por sua conta e risco”, mas não teria o mesmo efeito extraído por Rousseau em sua análise.

a palavra “dor”<sup>73</sup>, sendo aplicada mais a privações, supõe um sentimento durável. Quando...

### SOBRE AS MULHERES

Outro tema que a mim causa admiração<sup>74</sup> é o ar de confiança com o qual fazemos a enumeração brilhante de todos os grandes homens celebrados pela História para colocá-los ao lado do pequeno número de heroínas as quais ela dignou-se recordar, e acreditaríamos sair em vantagem nessa comparação. Mas quê, Senhores, concedei<sup>75</sup> a elas o capricho de transmitir seus esplendores à posteridade e vereis qual lugar poderei colocá-las<sup>76</sup> e se elas não se apropriarão, talvez com justas razões<sup>77</sup>, da preeminência que usurpais com tanto orgulho.

Afinal de contas, se entrássemos imparcialmente no detalhe de todas as belas ações que os tempos fizeram eclodir, e se examinássemos as verdadeiras razões que as fizeram aumentar ou diminuir em número, duvido que não encontraríamos muito mais proporcionalidade do que encontramos antes e que a balança não ficasse aproximadamente em equilíbrio.

Consideremos, primeiramente, as mulheres privadas de sua liberdade pela tirania dos homens. Eles são mestres de todas as coisas, pois tudo está entre as suas mãos: as coroas, os escritórios, os empregos e o comando das forças armadas<sup>78</sup>. Dessas coisas se apropriaram desde o início dos primeiros tempos por não sei qual direito natural, o qual nunca pude compreender bem, e que poderia facilmente não ter outro fundamento senão a superioridade da força. Consideremos também o caráter do espírito humano que deseja somente o brilhante, que admira a virtude somente em meio a grandezas e

---

<sup>72</sup> A expressão em francês é “*au peril de la vie*”. Em acordo com as acepções escolhidas por mim, sugeri a tradução: ‘sob ameaça da vida’. A expressão equivalente em português, ‘sob risco de vida’, não seria bem utilizada aqui porque o termo empregado é justamente aquele considerado o mais adequado por Rousseau, a saber, “*risque*”, de maneira que a sua crítica não faria sentido.

<sup>73</sup> No original “*peine*”.

<sup>74</sup> Primeira redação, riscado: “Um outro assunto de admiração para mim é o ar de triunfo com o qual (nós enfeitamos – comparamos) exaltamos todos os grandes homens. Não vejo até aqui como encontraríamos um bom saldo nessas comparações.”

<sup>75</sup> Riscado: “um pouco”.

<sup>76</sup> “Talvez colocareis elas com razão no lugar que lhes negastes injustamente”.

<sup>77</sup> Riscado: “com alguma razão”.

<sup>78</sup> Riscado: “os cetros”.

majestade, que despreza tudo o que pessoas submissas e dependentes podem fazer de grandioso<sup>79</sup> e de mais admirável<sup>80</sup> em seu estado.

Depois de ter especulado sobre tudo isso, entremos no detalhe da comparação e coloquemos em paralelo<sup>81</sup>, por exemplo, Mitrídates e Zenóbia, Rômulo e Dido, Catão de Utica e Lucrecia: um tendo tirado a vida pela perda da liberdade e a outra por causa de sua honra. O Conde de Dunois e Joana d’Arc, enfim, Cornélia, Arria, Artemisia, Fúlvia, Elisabeth, a Condessa de Tekeli e tantas outras heroínas de todos os tempos ao lado dos maiores homens. Nós veremos, é verdade, que o número de homens é infinitamente superior, mas em compensação veremos entre as mulheres modelos igualmente perfeitos em todos os gêneros de virtudes cívicas e morais. Se as mulheres tivessem tido igual<sup>82</sup> parte que nós na administração dos negócios, e no governo dos Impérios, talvez elas tivessem levado mais além o heroísmo e a grandeza da coragem, colocando-se em maior número. Poucas entre as<sup>83</sup> que tiveram a felicidade de reger<sup>84</sup> Estados e comandar armadas ficaram na mediocridade, quase todas se destacaram por algum aspecto brilhante que nos fez admirá-las. Seria bem preciso que se possa dizer a mesma coisa de tantos monarcas que governaram nações. Quantos deles, como diz ainda Voltaire, cujos nomes só merecem estar em quadros cronológicos, onde estão presentes simplesmente para identificar uma época? Repito: guardadas as proporções, as mulheres teriam podido oferecer os maiores exemplos de grandeza de alma, de amor pela virtude e em maior número do que os homens nunca fizeram se nossa injustiça não tivesse lhes tolhido, junto com sua liberdade, todas as ocasiões de manifestá-los diante do olhar do mundo.

Deixo para vos falar uma outra vez<sup>85</sup> das mulheres que tiveram parte na República das letras e que a decoraram com suas obras engenhosas e repletas de delicadezas.

UMA CASA NA RUA SAINT-DENIS

<sup>79</sup> Riscado: “brilhante”.

<sup>80</sup> Riscado: “condição”.

<sup>81</sup> Riscado: “para as virtudes civis e militares”.

<sup>82</sup> Riscado: “igual”.

<sup>83</sup> Riscado: “todas”.

<sup>84</sup> Riscado: “possuir”.

<sup>85</sup> Riscado: “em uma carta”.

A mulher faz mais barulho, o homem faz mais estrago.

Vi em Paris uma mulher que era bem possivelmente a mais megera puritana de toda a rua Saint-Denis, cujo marido era tido como o santo do bairro. Quando eles querelavam, o que acontecia muito frequentemente, a mulher vomitava torrentes de injúrias contra o seu marido com gritos assustadores, e esse furdunço durava de duas a três horas. Mas o que é pior: admirem-se, por obséquio, da tranquilidade do olhar que não se afetava, não mais do que uma rocha, e escutava, do começo ao fim, toda essa bela ladainha com uma paciência angelical. É verdade que quando sua cara metade terminava ele pegava friamente um bastão, lascava o cacete nela, a deixava por morta no chão e ia tranquilamente beber com seus amigos, subjogado por insultos e cansaço.

<sup>86</sup>Um exemplo tirado da escória do povo não é menos conclusivo, os homens se mostram em todo lugar. Quanto mais baixo o nível, menos a natureza está camuflada.

ENSAIO SOBRE OS ACONTECIMENTOS IMPORTANTES CUJA CAUSA  
SECRETA FORAM<sup>87</sup> AS MULHERES

390

*História romana* de Catrou e Rouillé. Tomo IV, p. 169<sup>88</sup>.

Não pretendo falar aqui de todos os casos desempenhados pelas<sup>89</sup> próprias mulheres, seja em virtude de seu nascimento ou mesmo em virtude dos postos a que foram elevadas por seus méritos e talentos. Esse é um assunto que, atualmente, à força de ter sido muito tratado, começa a se tornar batido. Limitar-me-ei somente em dar alguma ideia dos acontecimentos memoráveis que os povos atribuíram às causas mais sublimes<sup>90</sup> e que, entretanto, não tiveram como origem senão<sup>91</sup> os impulsos secretos das mulheres. É o que meu título anuncia e é a isto somente que me limitarei, muito

<sup>86</sup> Na margem, em frente desse começo de parágrafo: “aqui está”. No fim do mesmo parágrafo, tem-se o início de uma nova frase contendo somente a palavra “em [chez]” Lê-se ainda na edição da *Pléiade*: “Rousseau pensaria em dar um outro exemplo ou antes seria necessário considerar esse breve parágrafo como uma introdução, escrita posteriormente, ao pequeno relato que o precede?”

<sup>87</sup> “que as mulheres ocasionaram”.

<sup>88</sup> Em acordo com a edição da *Pléiade*, a edição da obra mencionada por Rousseau teve seu quarto tomo publicado em 1731. Na passagem mencionada, há uma frase tal como segue: “Parece que era o destino de Roma que os grandes acontecimentos comessem sempre pelas mulheres” (1964, t. III, p. 1939).

<sup>89</sup> “somente”.

<sup>90</sup> “elevadas”.

<sup>91</sup> “intrigas, à política, à ambição e aos”.

contente por oferecer<sup>92</sup> algum panorama sobre um tema tão novo cuja abundância e encantos engajarão<sup>93</sup> alguém, sem dúvida, em seguida, a levá-lo adiante.

Estou mesmo, de boa-fé, vexado por não ter sido precavido e por nenhuma pena delicada ter cogitado tratar do assunto que empreendo<sup>94</sup>. Ter-se-ia feito um livro sedutor para todo leitor que não é tolo. Quanto a mim, confesso francamente que o meu lote de gênio consiste justamente em ter o que é preciso para sentir perfeitamente todos os encantos que minha matéria forneceria nas mãos de um homem de espírito.

Honra-se excessivamente os homens ou talvez, por vezes<sup>95</sup>, não os honramos suficientemente ao colocarmos apenas na conta de sua ambição, de sua coragem, de seu amor pela glória, de sua vingança ou de sua generosidade a maior parte das ações brilhantes que ressoam na história. Frequentemente, elas não possuem outros princípios senão paixões que, por serem menos evidentes no exterior, desferem ainda melhor os seus golpes, com efeitos prodigiosos que o vulgo<sup>96</sup> seguramente não suspeita terem tanta ascendência sobre os grandes homens quanto efetivamente elas possuem<sup>97</sup>.

É fácil compreender<sup>98</sup> onde quero chegar.

Farei com que a ideia floresça<sup>99</sup> e será culpa dos particulares, talvez do público, se ninguém a executar. De resto, não é preciso acreditar que espírito seja suficiente para cumprir bem esse plano, ousou dizer que mesmo a ciência unida ao espírito não é suficiente. Quantas pessoas não se imaginam bem a par das intrigas das cortes, dos projetos dos príncipes, dos motivos pelos quais agem, em uma palavra, da história, da política e dos negócios, coisas em relação às quais praticamente não sabem mais do que leem na gazeta. Acontece o mesmo com os tempos passados. Gostaria que me digam se três quartos e meio de nossos historiadores foram<sup>100</sup> suficientemente instruídos para dar cabo da tarefa que se impuseram<sup>101</sup>. Que postos ocuparam, que negociações conduziram, quais amantes tiveram que foram capazes de lhes revelar esses grandes

<sup>92</sup> "somente".

<sup>93</sup> "poderão engajar".

<sup>94</sup> Em relação ao qual me engajo".

<sup>95</sup> "antes".

<sup>96</sup> "mesmo".

<sup>97</sup> Todo o parágrafo está assinalado com um traço vertical, na margem esquerda, e anotado com a apreciação: "bom".

<sup>98</sup> "sentir."

<sup>99</sup> "talvez alguém a executará".

<sup>100</sup> "em estado de escrever".

<sup>101</sup> "escrever aquilo que eles empreenderam".

mistérios. Esses artifícios primitivos,<sup>102</sup> constantemente escondidos, e algumas vezes bem frívolos que são os móveis de quase todos as ações dos grandes e, por consequência, dos acontecimentos<sup>103</sup> que dependem deles: nesse grupo onde se circunscreve mais ou menos toda a história do teatro humano. É tão pouco verdade que seja suficiente ser homem de letras, homem de espírito ou sábio para estar em estado de escrever bem a história tal como a concebo que mesmo um Primeiro-ministro não estaria, por vezes, muito preparado para conseguir isso. Porém, que um favorito<sup>104</sup> da corte, dela afastado, e que lá permaneceu por muito tempo ocupe<sup>105</sup> o seu tempo livre em descrever o que viu e os negócios de seu tempo: comprei suas memórias, mandai que sejam refeitas por uma mão hábil que saiba colocá-las em ordem, e que preencha as lacunas com o detalhe de acontecimentos que não dignou-se a inserir porque eram muito conhecidos, eis uma história.

Porém, não se propõem mais do que escrever a história das coisas que chegaram a conhecimento do público. Que não se gabem mais, então, das vantagens<sup>106</sup> da história e que se confesse não passar de uma história de pretextos e aparências especiosas com as quais deslumbram o público<sup>107</sup>.

Os acontecimentos públicos em relação aos quais não quero fazer menção aqui. A tomada de Tróia, o incêndio do palácio de Persépolis, o estabelecimento da República romana, a libertação de Roma pela mãe de Coriolano, a modificação da Inglaterra sob o reino de Henri VIII etc.

Divisão da obra

Em três livros. Livro Primeiro conterà os grandes acontecimentos na História Antiga causados pelas mulheres.

Estabelecimento de um consulado Plebeu etc.

O Segundo Livro, na História Moderna, Charles VII retoma a França etc.

O Terceiro Livro, algumas observações sobre os grandes homens que se deixaram governar por mulheres. Temístocles. Antonino etc.

<sup>102</sup> “secretos”.

<sup>103</sup> “um pouco importantes”.

<sup>104</sup> “em desgraça”.

<sup>105</sup> “emprega”.

<sup>106</sup> “falacioso”.

<sup>107</sup> Parágrafo assinalado com um traço vertical, na margem esquerda, onde se lê a indicação: “corrigir”.

Fúlvia, esposa de Antônio, incita a guerra por, talvez, não ter sido amada por César.

### CONSELHOS A UM CURA

Enfim, meu caro Abade, eis-vos cura: alegro-me de todo meu coração, e estou encantado de ter sido para vós em todos os aspectos um *vates*<sup>108</sup>. Creiais, vos suplico, que minha amizade esteja à prova da fortuna, a despeito do meu desprezo<sup>109</sup> por todos os títulos e pelos tolos que os portam, a despeito de minha raiva por tudo o que é chamado de “posições”<sup>110</sup> e pelos patifes que as ocupam, creio que vos verei tornar-vos bispo sem deixar de vos amar.

Muitos outros vos cumprimentarão sem se preocuparem convosco. Para mim, que sou vosso amigo, quero vos dar conselhos. Creio dessa maneira marcar melhor minha ligação convosco do que faria se prodigasse todos os elogios que a lisonja não ousa recusar aos que são indignos deles, mas que o decoro interdita aos que os merecem<sup>111</sup>. Serei como esses imprudentes, se quereis, porém, infelizmente para o povo, há muito menos desses imprudentes do que de curas que teriam necessidade deles<sup>112</sup>.

Eis-vos livre, enfim, isto é, sujeitado a um único mestre, porém, o mais imperioso de todos: o dever, pois<sup>113</sup> o jugo da razão, por ser menos sujeito ao capricho,<sup>114</sup> não é menos duro do que a tirania dos homens, e não há escravo que tenha mais dificuldade a contentar seu mestre do que um homem honesto no que diz respeito a se contentar consigo mesmo. É ainda pior quando existem outras pessoas<sup>115</sup> sob sua condução, nesse caso, a liberdade não é senão uma aparência. Para o homem livre é

<sup>108</sup> Palavra latina que significa “profeta”, “vaticinador” ou “poeta”.

<sup>109</sup> “qualquer desprezo que eu tenha”.

<sup>110</sup> “por todas as posições”.

<sup>111</sup> “Todos os elogios que a insipidez prodiga àqueles que menos o merecem e que mesmo o decoro proíbe para todos os que lhes são dignos”.

<sup>112</sup> No original, lê-se: “*Je serai Gros-Jean si vous voulez; mais malheureusement pour le peuple il y a beaucoup moins de ces Gros-Jean là que de Curez qui en auroient besoin*”. Provavelmente, Rousseau faz referência à expressão: “Gros-Jean en remontre à son curé”, algo como “João quer corrigir o seu cura” ou quem sabe “ensinar o padre a rezar”, expressão que é usada, enfim, para falar de alguém que nada sabe, mas que pretende mesmo assim ensinar coisas aos que detêm conhecimento. Traduzi ‘Gros-Jean’ por imprudente.

<sup>113</sup> “é preciso confessá-lo”.

<sup>114</sup> “menos caprichoso”.

<sup>115</sup> “homens”.

suficiente ter como se governar<sup>116</sup>, porém, quem quer que comande outras pessoas tem necessariamente engajamentos a cumprir, e não está menos sujeito do que aqueles mesmos que lhe obedecem.

De todos os tristes vínculos que elevam um homem acima dos outros o vosso me parece o mais suportável. Sereis salutar por estado, um magistrado pacífico: um padre. Tereis o direito de fazer todo o bem que desejais sem que ninguém ouse enxergar nisso um mal, e ninguém terá o poder de vos constranger a agir mal.

Essas prerrogativas, senhor, são grandes, raras e só pertencem, talvez, a um cura do campo, pois além de os curas da cidade já me parecerem grandes senhores para serem homens honestos, eles estão muito longe de encontrar nos paroquianos a simplicidade e a docilidade necessárias para<sup>117</sup> poder fazê-los viver sabiamente.

(...)

pois ninguém ignora<sup>118</sup> que ao obrigar o clero a ser continente tornaram impossível para ele<sup>119</sup> a castidade.

(...)

Consinto que ensineis<sup>120</sup> todas as balelas do catecismo, contanto que os ensineis também<sup>121</sup> a crer em Deus e a amar a virtude<sup>122</sup>. Fazei deles cristãos<sup>123</sup> porque é preciso, mas não esquecei<sup>124</sup> o dever mais indispensável de fazer deles pessoas honestas.

### CARTAS PARA SARA

*Jam nec spes animi credula mutui*<sup>125</sup>

<sup>116</sup> “ele mesmo”.

<sup>117</sup> “fazê-los pessoas honestas”.

<sup>118</sup> “nós não ignoramos”.

<sup>119</sup> “pois, senhor, sabeis melhor do que eu que, ao obrigar-vos com a continência, eles vos tornaram”.

<sup>120</sup> “ensineis-lhes, se desejais”.

<sup>121</sup> “mas esforçais-vos de lhes ensinar preferencialmente”.

<sup>122</sup> “e a serem pessoas honestas”.

<sup>123</sup> “consinto que façais deles cristãos (católicos)”.

<sup>124</sup> “contanto que não esqueceis (não negligencieis) de fazer deles”.

Compreender-se-á, sem dificuldade, como uma espécie de desafio pôde fazer com que essas quatro cartas fossem escritas. Perguntava-se caso um amante com meio século de idade poderia não ser alvo de riso. Pareceu que poderíamos nos deixar surpreender em qualquer idade, que mesmo um grisalho poderia escrever até quatro cartas de amor e ainda interessar as pessoas honestas, porém, que ele não poderia chegar até a sexta sem se desonrar. Não tenho necessidade de dizer aqui as minhas razões, pode-se senti-las lendo essas cartas e após a sua leitura elas serão julgadas.

#### Primeira Carta

Você lê em meu coração, jovem Sara. Você adentrou em mim, eu o sei, eu o sinto. Cem vezes por dia seu olho curioso vem espiar o efeito dos seus chames. Pelo seu ar satisfeito, por suas cruéis bondades, por suas coquetearias desdenhosas vejo que desfruta em segredo de minha miséria. Você aplaude a si mesma com um sorriso jocoso diante do desespero com o qual afunda um infeliz para quem o amor não é mais do que um opróbio<sup>126</sup>. Você está enganada, Sara, compadeça-se de mim, mas não me zombe<sup>127</sup>, não sou digno de desprezo, mas de piedade porque não me imponho nem com minha aparência e nem por minha idade. Como amante me sinto indigno de agradar<sup>128</sup> e a ilusão fatal que me desgarrar impede-me de te ver tal como você é, sem impedir que me veja tal como sou<sup>129</sup>. Você pode se aproveitar de mim em relação a tudo, exceto sobre mim mesmo, pode me persuadir de qualquer coisa no mundo, exceto que pode compartilhar dos meus fogos insensatos<sup>130</sup>. É o pior dos meus suplícios ver-me como você me vê. As suas carícias ardilosas são para mim tão somente uma humilhação a mais: amo com a terrível certeza de não poder ser amado.

Esteja, portanto, contente. Pois bem, sim, adoro-te. Sim, queimo por você pela mais cruel das paixões. Tente, porém, se você ousa, acorrentar-me ao seu carro como um pretendente de cabelos brancos<sup>131</sup>, como um amante de barbas grisalhas<sup>132</sup> que

<sup>125</sup> Em português, uma tradução possível seria: “Nem a crédula esperança de reciprocidade”. Frase tirada de Horácio, *Odes*, Livro IV, 30, 1.

<sup>126</sup> “um infeliz que não está mais em idade para amar”.

<sup>127</sup> “não sou em absoluto ridículo”.

<sup>128</sup> “amo sentindo-me indigno de agradar”.

<sup>129</sup> Na margem: “mas esse choro é menos de amor do que de raiva” (texto retomado no fim do parágrafo seguinte).

<sup>130</sup> Acompanhando a palavra ‘insensatos’, no manuscrito encontra-se “amo com a certeza...” Na margem, em frente, Rousseau escreveu: “bom”.

<sup>131</sup> Na edição original, se lê: “um pretendente com cabelos brancos”.

<sup>132</sup> Como um amante “antiquado”.

deseja bancar o agradável<sup>133</sup> e, em seu delírio extravagante, se imagina tendo direitos sobre um jovem objeto<sup>134</sup>. Você não terá essa glória, oh, Sara, não se lisonjeie: você não me verá aos seus pés querendo te divertir com o jargão<sup>135</sup> da galanteria ou te enternecer com propostas lânguidas. Você pode arrancar-me lágrimas, mas elas são menos de amor do que de raiva. Ria, caso queira, de minha fraqueza<sup>136</sup>, você não rirá, ao menos, de minha credulidade.

Falo a você de minha paixão com impetuosidade porque a humilhação é sempre cruel e o desdém é duro de ser suportado. Porém, a minha paixão, mesmo sem tino, não é impetuosa, ela é ao mesmo tempo viva e doce, tal como você. Privado de toda esperança, estou morto para a felicidade e vivo somente pela sua vida<sup>137</sup>. Teus prazeres são meus únicos prazeres, não tenho outros desfrutes que não os seus, nem formo outros votos senão os seus votos<sup>138</sup>. Amaria até mesmo o meu rival se você o amasse, se você não o amasse, gostaria que ele pudesse merecer o seu amor<sup>139</sup>, que ele possuísse o meu coração para te amar mais dignamente e te tornar feliz<sup>140</sup>. Esse é o único desejo permitido a quem quer que ouse amar sem ser amável. Ame e seja amada, oh, Sara, viva contente e eu morrerei contente.

### Segunda Carta

Porque eu vos escrevi, desejo vos escrever ainda. Minha primeira falha me leva a outra, porém, saberei parar, estejais segura disso. Será a partir do modo como me

<sup>133</sup> Primeiro texto do manuscrito: “o galante”.

<sup>134</sup> Essa passagem está estreitamente ligada ao parágrafo da *Carta a d’Alembert* que trata do personagem idoso no teatro clássico francês. “Não é, sem dúvida, que se achando os galanteadores eles, com efeito, se tornem um, e que um galante sexagenário se torne alguém gracioso, mas a sua própria indecência lhe é proveitosa: é um triunfo a mais para uma mulher que, amarrando ao seu carro um Nestor, acredita provar que os gelos da idade não fazem frente aos fogos que ela inspira. Eis porque as mulheres encorajam, o melhor que podem, esses decanos de Citera, e possuem a malícia de tratar velhos insanos de homens charmosos que elas achariam menos amáveis se não fosse tão extravagantes”. (ROUSSEAU, 2001, p. 101).

<sup>135</sup> “Para te agradar, esgotar o tolo jargão”.

<sup>136</sup> “e se você se agrada com a minha fraqueza”.

<sup>137</sup> “não sou eu, é você que eu amo. Privado de toda esperança, esqueço-me para me ocupar apenas de você.”

<sup>138</sup> “nem de outra felicidade senão a sua felicidade”.

<sup>139</sup> “desejo tudo o que você deseja. Amaria até mesmo o meu rival, se seu coração pudesse satisfazer todos os seus votos. Se você não o amasse, gostaria que ele fosse digno (merecesse) o seu amor”.

<sup>140</sup> Depois de “feliz”, o manuscrito apresenta esse texto riscado: “Gostaria que ele pudesse te enternecer para que você sentisse todos os charmes do amor. Gostaria de transmitir para você todos os meus sentimentos, mesmo que por meio de um outro. Tenho somente um desejo: formar...”. Na margem, pode-se ler: “o último dos meus desejos...”

haveis<sup>141</sup> tratado durante meu delírio que decidirá sobre meus sentimentos em relação a vós quando eu tiver me restabelecido. Fingistes em vão não ter lido minha carta, mentis, eu o sei, haveis lido a carta. Sim, mentis sem nada dizer, pelo ar<sup>142</sup> inalterado com o qual acreditais se impor a mim. Caso sejais a mesma que antes é porque fostes sempre falsa<sup>143</sup>, e a simplicidade afetada para comigo<sup>144</sup> me prova que jamais a tivestes. Dissimulais minha insensatez somente para aumentá-la, não estais contente com o fato de vos escrever se não me virdes ainda aos vossos pés. Desejais que me torne tão ridículo quanto posso sê-lo, desejais me oferecer em espetáculo a vós mesma, talvez a outros, e não acreditareis estardes satisfeita se eu não estiver desonrado.

Vejo tudo isso, moça artificiosa, nessa modéstia fingida com a qual esperais vos impor a mim, nessa constância fingida com a qual pareceis desejar me tentar a esquecer da minha falha, parecendo que de nada sabeis. Ainda mais uma vez: haveis lido minha carta, eu o sei, eu o vi<sup>145</sup>. Eu vos vi, quando entrava em vosso quarto, colocar precipitadamente o livro onde eu a coloquei. Vi que estáveis enrubescida,<sup>146</sup> mostrando confusão por um momento. Confusão sedutora e cruel que talvez seja mais uma de vossas armadilhas e que me fez mais mal do que todos os vossos olhares. O que me tornei diante desse aspecto que ainda me agita? Cem vezes em um instante, pronto a me precipitar aos pés dessa orgulhosa: quantos combates, quantos esforços para me deter! Saí, todavia<sup>147</sup>, saí palpitando de alegria por escapar da indigna baixez que iria cometer. Esse único momento me vinga de todos os seus ultrajes. Seja menos altiva, oh, Sara, em relação a uma atração que posso vencer, pois uma vez em minha vida já triunfei sobre você<sup>148</sup>.

Infortunada! Imputo à sua vaidade<sup>149</sup> as ficções do meu amor-próprio. Se eu tivesse a felicidade de poder acreditar que você se ocupa de mim não fosse senão para me tyrannizar! Porém, dignar-se em tyrannizar um amante grisalho seria ainda lhe honrar

<sup>141</sup> Na edição original: “com a qual me haveis tratado”.

<sup>142</sup> “o ar simples”.

<sup>143</sup> Depois da palavra “falsa”, o manuscrito apresenta esse texto riscado: “e não fazeis senão abusar de mim ainda mais uma vez”. Rousseau substitui esse texto pelo seguinte, igualmente riscado: “Desejastes tomar um ar simples comigo e desejais preservá-lo ainda”.

<sup>144</sup> “A simplicidade que desejais ter para comigo em minha fraqueza”.

<sup>145</sup> Na margem, lê-se: “Ah, Sara, teria esperado do seu coração algum consolo em minha miséria”.

<sup>146</sup> Na margem, pode-se ler: “Seu rubor era ainda uma de suas perfídias”.

<sup>147</sup> “venci enfim”.

<sup>148</sup> O texto oscila em relação ao modo como o redator das cartas se refere a Sara. Há momentos em que ele a trata de modo mais formal, usando “vós”, porém, em outros momentos ele se dá a liberdade de tratá-la de maneira mais familiar. Essa oscilação foi plenamente preservada pelo tradutor.

<sup>149</sup> “acuso sua vaidade”.

excessivamente. Não, você não tem outra arte que não seja a sua indiferença, o seu desdém representa toda a sua coquetearia, você me desola sem pensar em mim<sup>150</sup>. Sou infeliz a ponto de não poder te ocupar ao menos dos meus ridículos<sup>151</sup>, e você despreza minha insensatez a ponto de nem mesmo dignar-se a zombar dela. Você leu a minha carta e esqueceu dela, você não me falou dos meus males porque não pensava mais neles. Quê! Não sou então nada para você? Meus furores, meus tormentos, longe de excitar piedade, não excitam nem ao menos a sua atenção? Ah! Onde está essa doçura que os seus olhos prometem<sup>152</sup>? Onde está esse sentimento tão terno que parece lhes animar?... bárbara!... insensível ao meu estado, deve sê-la para com todo sentimento honesto, sua figura promete uma alma. Ela mente, você tem somente ferocidade.... ah, Sara! Teria esperado do seu bom coração alguma consolação para minha miséria.

### Terceira Carta

Enfim, nada mais falta para a minha vergonha<sup>153</sup>, e estou tão humilhado quanto você desejou. Eis então onde chegaram o meu despeito, os meus combates, as minhas resoluções e a minha constância? Estaria menos aviltado se tivesse resistido menos. Quem, eu! Manifestei o amor como um jovem?<sup>154</sup> Passei duas horas aos joelhos de uma<sup>155</sup> criança? Verti sobre as mãos dela torrentes de lágrimas? Suportei que ela me consolasse, que se compadecesse, que ela secasse meus olhos desbotados pelos anos? Dela recebi lições de razão, de coragem? Aproveitei bem de minha longa experiência<sup>156</sup> e de minhas tristes reflexões! Quantas vezes enrubesci por ter sido há vinte anos o que volto a ser agora aos cinquenta anos! Ah, vivi somente para me desonrar! Se ao menos um verdadeiro arrependimento me reconduzisse a sentimentos mais honestos, mas não. Comprazo-me a despeito de mim mesmo com aquilo que você me inspira<sup>157</sup>, com o delírio no qual você me afunda, com o rebaixamento a que fui reduzido por você. Quando me imagino, com a minha idade, de joelhos diante de você, todo meu coração

<sup>150</sup> “e você me desespera ao não pensar em mim”.

<sup>151</sup> “sou bem miserável por não poder nem mesmo te ocupar com meus ridículos”.

<sup>152</sup> Depois, lê-se: “prometem”. O manuscrito apresenta essas palavras riscadas: “bárbara”, “ingrata”, “seu coração feroz”.

<sup>153</sup> Primeiro texto aparece riscado no manuscrito: “Você venceu, Sara, isso não era difícil”.

<sup>154</sup> No original, a expressão é “fazer amor como um jovem”. Na edição da *Pléiade*, há uma nota apontando que no século XVIII essa expressão ainda guardava um tom polido, significando expressar ou manifestar amor, ainda que o uso vulgar, ainda conforme a nota explicativa, já aparecesse desde o século XVII (1964, t. II, p. 1950).

<sup>155</sup> Na edição original, lê-se: “um infante”.

<sup>156</sup> “proveitei bem do ano que vivi”.

<sup>157</sup> “no que você me faz experimentar”. Na margem dessa passagem, pode-se ler: “Miserável! Afetava tanta piedade para me fazer sentir o quanto eu era digno”.

se ergue e se irrita<sup>158</sup>. Porém, ele se esquece e se perde nos arrebatamentos que senti. Ah! Não me via então, via somente você, moça adorada: os seus charmes, os seus sentimentos, os seus discursos preenchiam, formavam todo o meu ser. Era jovem de sua juventude, sábio de sua razão, virtuoso de sua virtude<sup>159</sup>. Poderia desprezar aquele que você honrava com a sua estima? Poderia odiar aquele que você dignava a chamar de amigo<sup>160</sup>? Ai! Essa ternura de pai que você me pedia com um tom tão tocante, esse nome de moça que você queria receber de mim logo me faziam voltar a mim mesmo. As suas propostas tão ternas, as suas carícias tão puras me encantavam e me despedaçavam: lágrimas de amor e de raiva fluíam dos meus olhos, sentia que só era feliz por causa da minha miséria e que se eu fosse mais digno de agradar não teria sido tão bem tratado<sup>161</sup>.

Não importa. Pude levar o enternecimento ao seu coração<sup>162</sup>, a piedade o fecha ao amor, eu o sei, porém, ela tem para mim todos os charmes. Quê! Vi seus belos olhos por mim se umedecerem? Senti cair sobre minha bochecha uma de suas lágrimas? Oh, essa lágrima, que fervor devorante<sup>163</sup> ela causou! E não seria o mais feliz dos homens? Ah, como o sou acima da minha mais orgulhosa espera<sup>164</sup>!

Sim, que essas duas horas retornem incessantemente, que elas preencham por seu retorno ou por sua lembrança o resto de minha vida<sup>165</sup>. Pois então, que tem ela de comparável ao que senti nessa atitude? Estava humilhado, insensato, ridículo, porém estava feliz, e experimentei nesse curto espaço mais prazeres do que tive em todo o curso dos meus anos<sup>166</sup>. Sim, Sara, sim, charmosa Sara, perdi todo o arrependimento, toda vergonha, não me lembro mais de mim, sinto tão somente o fogo que me devora. Posso, em seus grilhões, afrontar as vaias do mundo inteiro. O que me importa o que posso parecer aos outros? Tenho por você um coração de jovem, e isso me é suficiente.

<sup>158</sup> “indigna-se e se revolta”.

<sup>159</sup> Depois da palavra “virtude”, lê-se essa frase riscada: “o quanto honraria aquele que se dignasse a te consolar”.

<sup>160</sup> Na margem do manuscrito, na frente dessa passagem, pode-se ler: “Se você tinha me desprezado, era por minha causa”.

<sup>161</sup> “teria sido bem menos acarinhado”.

<sup>162</sup> “pude tocar seu coração amável”.

<sup>163</sup> “que inextinguível beijo”.

<sup>164</sup> “acima de minha espera”.

<sup>165</sup> Na margem, pode-se ler: “É certo que teria em vão tentado deixar de vos amar. Colocaríeis nisso boa ordem”.

<sup>166</sup> Na margem, pode-se ler: “não se poderia ter mais virtude nem mais coquetearia”.

O inverno cobriu em vão o rio Etna com seu gelo, o seu interior não está menos fervoroso<sup>167</sup>.

Quarta Carta

Quê! Éreis vós que eu temia<sup>168</sup>, éreis por vós que enrubescia por amar? Oh, Sara, moça adorável, alma mais bela do que a sua aparência! Se me estimo doravante por alguma coisa<sup>169</sup> é por ter um coração feito para sentir tudo o que você vale. Sim, sem dúvida, enrubesço pelo amor que tinha por você, contudo, é porque ele era por demais violento, por demais lânguido, por demais fraco, bem pouco digno do seu objeto. Há seis meses que meus os olhos e o meu coração devoram os seus charmes, seis meses nos quais me ocupo exclusivamente de você e que vivo tão somente por você. Porém, foi apenas ontem que aprendi a te amar. Enquanto me falava, e que discursos dignos do céu saíam da sua boca, acreditava ver mudar os seus traços, o seu ar, o seu porte, a sua aparência. Não sei qual fogo sobrenatural luzia em seus olhos, raios de luz pareciam estar em seu entorno. Ah, Sara! Se realmente você não é uma mortal, se você é um anjo enviado do Céu para trazer de volta um coração que se desgarra, diga para mim, talvez ainda seja tempo. Não permita mais que a sua imagem<sup>170</sup> seja profanada por desejos formados a despeito de mim. Ai! Se abuso em meus votos, em meus transportes, nas minhas temerárias homenagens, cure-me de um erro que te ofende, ensine-me como é preciso te adorar<sup>171</sup>.

400

Haveis-me subjugado, Sara, de todas as formas, e se fazeis com que eu ame minha insensatez, fazeis com que a sinta cruelmente. Quando comparo a sua conduta com a minha, encontro um sábio em uma moça, e não sinto em mim senão uma velha criança. Vossa doçura, tão plena de dignidade, de razão, de decoro, me disse tudo o que não me diria uma recepção mais severa. ela fez com que eu me enrubescesse mais do que não fariam as vossas reprovações, e o tom um pouco mais grave com o qual vos servistes ontem em vossos discursos me fez conhecer facilmente que não deveria vos expor a usá-lo duas vezes comigo. Compreendo-vos, Sara, e espero vos provar também que se não posso ser digno de agradar-vos por meu amor, eu o sou pelos sentimentos

<sup>167</sup> Na margem, pode-se ler: “para ser um amante antiquado”.

<sup>168</sup> “que eu temia tanto?”.

<sup>169</sup> No original, pode-se ler: “se eu me estimo de algum modo”.

<sup>170</sup> “sua sublime essência”. No manuscrito, corrigido, lê-se: “sua celeste essência”, depois: “sua imagem sublime” que aparece riscado.

<sup>171</sup> A palavra “adorar” está seguida desse texto riscado: “o amor, em um coração como o meu, não pode nem nascer, nem durar sem a estima e sem o respeito”.

que o acompanham<sup>172</sup>. Meu desregramento será tão curto quanto ele era grande, haveis-me mostrado, isso é suficiente. Saberei me afastar dele, estejais segura disso, ainda que estivesse alienado, se tivesse visto toda a extensão do desregramento, jamais teria dado o primeiro passo. Quando merecia censura, haveis-me dado somente avisos, e haveis desejado me ver apenas fraco quando era criminoso<sup>173</sup>. O que não me haveis dito, sei dizê-lo a mim mesmo, sei dar à minha conduta junto a vós o nome que não destes, e se pude cometer uma baixeza sem o saber, farei com que vejais que não tenho em absoluto um coração baixo. Sem dúvida, é menos a minha idade do que a vossa que me torna culpável, meu desprezo por mim<sup>174</sup> me impedia de ver toda a indignidade do meu comportamento. Trinta anos de diferença me mostravam somente minha vergonha e me escondiam vossos perigos. Ai! Que perigos<sup>175</sup>? Não era vão o suficiente para supô-los, não imaginava poder estender uma armadilha à vossa inocência e, se tivésseis sido menos virtuosa, eu era um sedutor sem de nada saber.

Oh, Sara! A sua virtude tem provações mais perigosas e os seus charmes podem escolher melhor. Porém, meu dever não depende nem das suas virtudes e nem dos seus charmes: a voz dele fala a mim e eu o seguirei. Que um eterno esquecimento não possa te esconder<sup>176</sup> meus erros! Que eu mesmo não posso esquecer-los! Porém, não, eu o sinto, os levarei comigo por toda a vida, e sua marca se aprofunda quando tento arrancá-los. É meu destino arder até o último suspiro por um fogo que nada pode extinguir<sup>177</sup> e que a cada dia retira um grau de esperança e acrescenta um de insensatez<sup>178</sup>. Eis o que não depende de mim<sup>179</sup>. Todavia, o que depende<sup>180</sup> de mim, Sara, é isso: ofereço-vos minha fé de homem que jamais se falseia que não voltarei a falar em toda minha vida dessa paixão ridícula e infeliz, a qual teria podido talvez evitar o nascimento, mas que não posso mais abafar. Quando digo que não vos falarei mais dela, compreendo as

<sup>172</sup> A palavra “acompanham” é seguida, no manuscrito, desse texto riscado: “Vossa maneira de lidar comigo, plena de indulgência e de avidez, não deixou de ser humilhante porque ela revelou-me culpado quando menos acreditava sê-lo, isto é, menos em relação a mim do que a vós”.

<sup>173</sup> “quando, efetivamente, eu era vil”.

<sup>174</sup> “Meu desprezo por mim mesmo, a humilhação do sentimento que me arrastava”.

<sup>175</sup> “quais perigos pode-se correr”.

<sup>176</sup> “não possa (cobrir) te velar meus segredos”. A cópia apresenta “me velar” corrigido para “te esconder”.

<sup>177</sup> “abafar”.

<sup>178</sup> “cada dia acrescenta um novo grau de desespero e de ignomínia”.

<sup>179</sup> “eis o que não depende de mim e o que, aos olhos da razão, me torna ainda mais infeliz do que culpável”.

<sup>180</sup> “o que depende de mim e que pode recobrar minha estima, na minha própria miséria, para os olhos de quem a causa”.

coisas em relação às quais devo calar-me. Imponho aos meus olhos o mesmo silêncio que à minha boca, porém, de boa graça, imponha aos vossos que não venham me arrancar esse triste segredo. Estou à prova de tudo, exceto de vossos olhares, sabeis bem como vos é fácil me levar ao perjúrio. Um triunfo tão certo para vós e tão corruptor para mim poderia lisonjear vossa bela alma? Não, divina Sara, não profane o templo<sup>181</sup> onde você é adorada, e deixe ao menos alguma virtude nesse coração do qual você tudo tirou.

Não posso nem quero retomar o infeliz segredo que me escapou, já é tarde demais, é preciso que ele fique convosco e ele é tão pouco interessante para vós que seria logo esquecido se a confissão não se renovasse sem cessar. Ah! Seria bem lamuriento em minha miséria<sup>182</sup> se jamais pudesse dizer a mim mesmo que vos compadecei dela, e deveis vos compadecer tanto mais pois não teríeis jamais<sup>183</sup> a consolado. Verei a mim sempre como devo ser, porém, conheci-me sempre como eu sou. Não tereis mais com o que censurar meus discursos, porém, tolereis minhas cartas, é tudo o que vos peço. Não me aproximarei de vós a não ser como se faz com uma divindade diante da qual impõe-se silêncio às paixões. Vossas virtudes suspenderão o efeito de vossos charmes, vossa presença purificará meu coração, não temerei em absoluto ser um sedutor não dizendo-vos nada que não vos convém escutar. Cessarei de sentir-me ridículo<sup>184</sup> quando não me verdes mais como tal, e gostaria de não ser mais culpável, quando só poderia sê-lo longe de vós.

Minhas cartas? Não. Não devo nem mesmo desejar escrever-vos, e não deveis jamais suportá-las. Estimar-vos-ia menos se fôsseis capaz disso. Sara, te dou esta arma para se servir dela contra mim, você pode ser a depositária de meu segredo fatal, você não pode ser a confidente dele. É suficiente para mim que você o conheça, seria demais para mim escutá-la repeti-lo. Calar-me-ei, o que teria mais para te dizer? Que você me exile, me despreze doravante caso reveja jamais seu amante no amigo que você escolheu. Sem poder te fugir<sup>185</sup>, digo-te adeus para toda a vida, esse sacrifício era o último que me restava a te fazer, era o único que fosse digno das suas virtudes e do meu coração.

<sup>181</sup> “não, senhorita excessivamente temível, não avilte o templo”.

<sup>182</sup> “ah, estaria excessivamente sobrecarregado com a minha miséria”.

<sup>183</sup> “nem mesmo”.

<sup>184</sup> “seria ridículo e culpável apenas pela metade quando não o fosse em absoluto diante de vossos olhos”.

<sup>185</sup> “sem (poder) (ter necessidade de) sem deseja te fugir”.

Quinta Carta

Não, não há paz sobre a terra porque meu coração não a desfruta. Não é sua culpa, cara Sara<sup>186</sup>, é minha, ou antes, é do destino que colocou tão longe de mim o único bem que poderia me tornar feliz<sup>187</sup>. Mas quê! Esse bem não era a posse nem do seu coração e nem da sua pessoa<sup>188</sup>. Minha imaginação te deixa sempre muito longe da minha esperança para jamais te expor aos meus desejos. Minha paixão, minha paixão fatal não me cega<sup>189</sup> jamais a esse ponto, ela me desgarrava sem me seduzir, e me deixava arrastar<sup>190</sup> unicamente pela força sem enxergar nenhum objetivo que pudesse me atrair. O auge dos meus votos era que você visse minha insensatez e que ela não excitasse o teu desprezo. Você a conheceu<sup>191</sup>, você se compadeceu dela<sup>192</sup>, você me consolou, estava contente, eu o seria se esse estado tão doce pudesse durar para sempre<sup>193</sup>, minha felicidade duraria igualmente. Se você pudesse não amar nada e se deixar adorar em silêncio, eu passaria meus dias nessa ocupação deliciosa, sem nada desejar, sem nada perceber além disso. Entretanto, gozo de minha paixão sem poder te dar nenhuma. Entretanto<sup>194</sup>, meu coração está cheio e o seu está vazio, ele não pode continuar assim por muito tempo e não sou eu quem pode preenchê-lo. Você amará, Sara, se já não estiver amando, eis o terrível tormento que me é reservado, e a certeza de experimentá-lo um dia me faz senti-lo antecipadamente. Soube por demais dar-me justiça por não me submeter ao meu destino, mas sinto com terror<sup>195</sup> que o seu dependerá de outrem. Não, meu desespero não é aquele de não ser amado, mas que um outro deva sê-lo. É por você, moça angelical, que me aflijo, que ele tenha meu coração, e eu o perdoo, mas quem saberá te amar como eu.

403

Bibliografia

ALCOFORADO, M. **Cartas de amor**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

<sup>186</sup> “amável Sara”.

<sup>187</sup> “do destino que me fez nascer tão longe de você, dotado de um coração que não poderia pertencer senão unicamente a você”. Esse texto está riscado e corrigido para: “que colocou em um homem com quem você não poderia estar uma alma feita para a sua”. A essas duas últimas correções, não riscadas, Rousseau substituiu: “fez nascer” (corrigido para “colocou”) tão longe de mim”.

<sup>188</sup> Depois da palavra “pessoa”, há essa frase riscada: “Juro-te e você deve acreditar em mim”.

<sup>189</sup> “desgarrado”.

<sup>190</sup> “e quando eu me deixava arrastar”.

<sup>191</sup> “você vive meu coração”.

<sup>192</sup> “você se compadece de mim”.

<sup>193</sup> “toda minha vida”.

<sup>194</sup> “cara Sara”.

<sup>195</sup> “não posso pensar sem morrer”.

DUFOUR, T. **Pages inédites de Jean-Jacques Rousseau.** In: *Annales de la société Jean-Jacques Rousseau.* A. Julien éditeur: Genebra, 1905 179-246.

EIGELDINGER, F. **Nécessité et vertu dans les *minora* de Rousseau.** In: *La difusion de Locke en France, traduction au dix-huitième siècle, Lectures de Rousseau.* Oxford: Voltaire Foundation. 2001, 319-340.

GUILLEMON, H. **Sur quelques inédits de J.-J Rousseau.** In: *Revue de Paris.* 1946.

ROUSSEAU, J.-J. **Ensaio sobre a origem das línguas.** Apresentação de Bento Prado Jr. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. Campinas: Ed. UNICAMP, 2008.

ROUSSEAU, J.-J. **Lettre à d’Alembert.** Apresentação de Marc Buffat. Flammarion: Paris, 2011.

ROUSSEAU, J.-J. **Fragments inédits.** In: *Recherches biographiques et littéraires.* Org. Albert Jansen. Sandoz e Thuillier: Paris, 1882.

ROUSSEAU, J.-J. **La nouvelle Heloïse, Théâtre, Essais Littéraires.** In: *Oeuvres Complètes.* Tomo II. Org. Bernard Gagnebin e Marcel Raymon. Pléiade: Paris, 1964.

ROUSSEAU, J.-J. **Oeuvres posthumes de Jean-Jacques Rousseau ou recueil de pièces manuscrites pour servir de supplément aux éditions pendant sa vie.** Tomo I. Genebra: 1781.